



Jornal O Pescador – Instrumento de Representação Social, construção da Memória e da Identidade Social dos Pescadores da Colônia Z 3¹

Jerusa de Oliveira MICHEL²

Margareth de Oliveira MICHEL³

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo: este artigo é parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado e seu objetivo é analisar a construção da memória e da identidade social na Z3 - Colônia de Pescadores em Pelotas, através de um jornal Comunitário – O Pescador. O tema reveste-se de importância pelos reflexos na vida, tanto da comunidade quanto dos acadêmicos de Jornalismo. É um campo de investigação amplo, abordado por diversas correntes teóricas, e tem despertado interesse em muitas áreas das ciências sociais, permitindo aos jornalistas uma visão mais próxima da responsabilidade no exercício de suas atividades, de sua possibilidade de interação neste processo, assim como de sua valiosa contribuição. Para tanto são feitas revisões teóricas das principais linhas de estudo da Representação Social, Construção da Memória e da Identidade Social, bem como do Jornalismo Comunitário, ancoradas em autores como Castells (2000), Halbwachs (2006), Jodelet (2001), Moscovici (1978, 2004), Lopes (2007), Peruzzo (2002), Michel e Oliveira (2007), entre outros.

Palavras-Chave: Representação Social, Identidade Social, Memória, Jornalismo Comunitário, O Pescador

Introdução

Este artigo faz parte do projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido durante minha formação acadêmica na pós-graduação/mestrado e tem como objetivo analisar a construção da memória e da identidade social na Z3 - Colônia de Pescadores em Pelotas, através de um jornal Comunitário – O Pescador, nascido há dez anos no curso de Jornalismo na Universidade Católica de Pelotas e da prática do jornalismo através da produção de textos e imagens. A investigação nele contida reveste-se de importância porque aborda um campo de estudos que é vasto e que abrange diferentes áreas das ciências sociais a partir da análise de como as diferentes ações e práticas de

¹ Trabalho apresentado no **DT 1 – Jornalismo** do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Mestranda do Curso de Memória e Patrimônio UFPEL. Relações Públicas e Jornalista participou ativamente da produção e distribuição do Jornal O Pescador por mais de um ano, fato que a motivou a desenvolver sua pesquisa de mestrado nesta área por entender sua relevância para aquela comunidade. email: jerusa.michel@gmail.com

³ Mestre em Desenvolvimento Social e Mestre em Linguística Aplicada UCPEL, docente do Centro de Educação e Comunicação da UCPEL/RS, email: margareth.michel@gmail.com



comunicação moldam, consciente ou inconscientemente, nossos pensamentos e percepção dos fatos seja na esfera privada ou pública, seja através da concordância ou do conflito. Norteia este estudo a reflexão sobre a construção de memórias e identidades sociais na Colônia de Pescadores através da criação de um arquivo documental com as edições de um jornal comunitário, que em seus artigos, reportagens, fotografias e outras formas de comunicação textual consistem na abordagem de fatos ou aspectos atribuídos à vida dos pescadores e sua colônia e também recontam, reformulam ou valorizam, relatos, histórias de vida e trabalho e apontam suas necessidades em diferentes áreas.

A Colônia de Pescadores é uma região marcada pela pobreza e negligenciada pelos poderes públicos, mas por outro lado abriga um povo forte que luta e busca melhores condições sociais. O arquivo documental com as edições do jornal comunitário – O Pescador, por meio de seus textos e imagens registra e permite entender a trajetória histórica da comunidade e de seus moradores, mostrando ainda que muitas transformações no presente estão alicerçadas no passado e que textos e fotos se transformam em memórias vivas, nas quais eles se reconhecem e as quais utilizam para se reconstruir e interagir.

Em razão disto e por se tratar de um campo de investigação tão vasto, torna-se necessária a interação com diversas perspectivas teóricas e disciplinares que permitam uma melhor compreensão do fenômeno. Também é fundamental levar os participantes do projeto do jornal comunitário a compreenderem sua importância e seu papel na construção das identidades e representações sociais e na construção da memória individual e coletiva de sujeitos e comunidades, contribuindo para sua melhoria e desenvolvimento. Assim, serão abordadas correntes teóricas como Representação Social, Construção da Memória e da Identidade Social buscando mostrar sua relação direta com o Jornalismo Comunitário e suas práticas assim como analisar seus resultados.

Representação Social, Construção da Memória e da Identidade Social

Os conceitos de *Representação Social*, *Identidade Social* e *Memória* estão intimamente entrelaçados, existindo também inúmeras abordagens de cada um deles, tornando-se importante a escolha de abordagens teóricas bem delimitadas que permitam explorar a questão proposta da melhor maneira possível. Assim, é importante entender a



origem desses conceitos e das redes teóricas a que se vinculam, e que aparecem no final do século XIX e início do século XX.

Entre as muitas novidades que este período histórico trouxe, motivadas pelos avanços já iniciados no século XIX e pelos dois períodos da Revolução Industrial, estão as mudanças no arcabouço ideológico da época e no surgimento de novas teorias, estudos e perspectivas no campo das ciências sociais. Marx (1818 – 1883) trouxe a teoria socioeconômica e Weber (1864-1920) fundamentou a sociologia compreensiva ou interpretativa, que estabeleceu um paralelo na pesquisa entre as ciências sociais e naturais.

Émile Durkheim (1858-1917) considerado o fundador da sociologia moderna, desenvolveu a teoria das Representações Coletivas (1817), embasada na existência de uma Consciência Coletiva em função de que o homem se tornou humano e sociável – foi capaz de aprender hábitos e costumes característicos de seu grupo social – porque precisava conviver em seu meio.

É esta última abordagem, a de Durkheim, das Representações Coletivas, apropriada por outros autores, que vai dar origem mais tarde a teoria das Representações Sociais que vão se entrelaçar com a Memória e a Identidade Social. No que se refere ao estudo das Representações Sociais, constata-se uma diversidade de enfoques, onde se destaca a abordagem de Serge Moscovici entrelaçada com a de Émile Durkheim.

Moscovici⁴ a partir da psicanálise discute a questão da representação social, inserindo no contexto não só da psicologia social, mas permitindo sua abordagem por outras ciências ligadas ao estudo do sujeito e dos grupos sociais. Serge Moscovici nasceu em 1928 e é um psicólogo social, atualmente diretor do Laboratório Europeu da Psicologia Social que ele fundou em Paris. Pesquisou e trabalha ainda hoje com temas como o processo social de produção de conhecimento, a definição de sociedade e a discussão em torno das representações sociais. Moscovici, segundo alguns autores, apropriou-se do conceito de representações coletivas de Durkheim avançou seus estudos e desenvolveu o conceito de *Representações Sociais* (GUARESCHI e JOVCHELOVITCH, 1997). Para outros autores, no entanto, o conceito de representação coletiva de Durkheim (o que é construído coletivamente possui uma identidade diferente do que é construído individualmente) e suas formulações são

⁴ Representante da escola psicossocial construtivista francesa, desenvolveu a teoria das representações sociais, no livro *Psychanalyse son image et son public*, publicado no Brasil em 1978, sob o título *Representação Social e Psicanálise*.



fundamentais para entender o conceito de representações sociais de Moscovici. Quanto às representações coletivas, Durkheim (1970, p. 39) afirma que elas:

[...] são exteriores com relação às individuais, é porque não derivam dos indivíduos considerados isoladamente, mas de sua cooperação, o que é bastante diferente. Naturalmente na elaboração do resultado comum, cada qual traz a sua quota-parte; mas os sentimentos privados apenas se tornam sociais pela sua combinação, sob a ação de forças *sui generis*, que a associação desenvolve; em consequência dessas combinações e das alterações mútuas que delas decorrem, eles se transformam em outra coisa.

Esta é uma característica marcante do conceito de representação coletiva: a sua exterioridade às consciências individuais e de acordo com Silva (1998, p.31), “As representações coletivas fazem parte de um contexto global, como, por exemplo, da cultura de uma sociedade, e essas *representações coletivas* necessariamente não são semelhantes às representações individuais”, por isto, na perspectiva dos conceitos formulados por Durkheim estes não são satisfatórios para trabalhar a representação social frente ao dinamismo dos movimentos sociais. “Entretanto, as concepções de Durkheim foram as responsáveis pelo desencadeamento de estudos sistematizados sobre *representação social*.” (SILVA, 1998, p. 32).

Durkheim preocupava-se com o significado sociológico daquilo que faz com que as sociedades se mantenham coesas “isto é, às forças e estruturas que podem conservar, ou preservar, o todo contra qualquer fragmentação ou desintegração” (DUVEEN, 2004, p. 14), enquanto Moscovici preocupava-se com a questão da psicologia social tentando entender “como as coisas mudam na sociedade, isto é, para aqueles processos sociais, pelos quais a novidade e a mudança, como a conservação e a preservação, se tornam parte da vida social” (DUVEEN, 2004, p. 15). Ao utilizar o termo ‘social’ Moscovici(1978) queria dar ênfase a essa qualidade dinâmica das representações, ligando-as aos processos sociais, e sugerindo que constituem a forma de criação coletiva.

Moscovici interessou-se em compreender como o conhecimento é construído e na análise de seu impacto nas práticas sociais e vice-versa, e sua obra, a partir das ciências sociais pode ser olhada pelo viés da sociologia do conhecimento, embora se vincule a muitos outros campos de estudos. Ele interessou-se no "poder das idéias" de senso comum, isto é, no "estudo de como, e por que as pessoas partilham o



conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em práticas [...]” (MOSCOVICI, *apud* DUVEEN, 2004, p. 8).

Para Moscovici (1978, p.28), a *representação social* “[...] é um corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação.” E por isso o indivíduo tem um papel atuante e particular na construção das *representações sociais*.

Outros conceitos de *representações sociais* podem contribuir para uma compreensão do tema, como o construído por Jodelet, parceira de Moscovici, que afirma “A representação é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22). Entende-se a partir do conceito que a representação social refere-se à maneira do indivíduo pensar e interpretar o cotidiano, ou seja, constitui-se em um conjunto de imagens, dotado de um sistema de referência que permite ao indivíduo interpretar sua vida e a ela dar sentido, como apreende as informações do contexto, os acontecimentos da vida cotidiana, a partir da própria experiência, das informações, saberes e modelos de pensamento que recebe e transmite pela tradição, pela educação e pela comunicação social.

As *representações* são um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso de comunicações interindividuais, situam o indivíduo no mundo e definem sua *identidade social*, constituem o indivíduo, explicam as formas de pensar e agir, expressos através de palavras e gestos, são determinadas pelos meios de comunicação - jornais, rádio, conversações, etc. - e pela organização social - igreja, partidos, etc., embora deva-se destacar que têm um conteúdo específico e se difere de uma sociedade para outra, toma como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, seu conjunto de crenças e valores

Pode-se dizer que a *Identidade Social* é essencialmente caracterizada pela forma como nós próprios nos vemos, é um sentido do “eu” ancorado num modelo com o qual nos identificamos, conjugada com a forma como os outros nos vêem. Isto quer dizer que a a identidade social requer um certo grau de escolha, ao mesmo tempo que exige um nível de conscientização. Por identidade, entende-se, conforme Pollak, “a imagem de si, para si e para os outros”, isto é,



a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLACK, 1992, p. 204).

De acordo com estudos contemporâneos o indivíduo possui várias fontes identitárias, identidade de gênero, nacional, etária, étnica, profissional, entre outras. A identidade social é algo que se constrói individualmente, mas é algo que é dinâmico e é influenciada pelas relações sociais entre os indivíduos que compõem essa mesma sociedade. Isto porque “[...] a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros” (POLLACK, 1992, p. 204).

Segundo Halbwachs (1990) a *memória* é construída coletivamente - mesmo as lembranças mais íntimas e pessoais não podem ser separadas da compreensão de que o homem é um ser social. Assim, seja nas referências que a estruturam, seja na sua construção, inclui as mudanças constantes a que está sujeita. É no fundamento coletivo da memória que se encontra sua capacidade social de fortalecer os sentimentos de pertencimento sócio-cultural, já que ao articular memória individual com a memória coletiva, sua prática permite duração e continuidade do que é vivido coletivamente. A *memória coletiva* ao contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo garante ao indivíduo o sentimento de *identidade*.

Nas análises de Pollak (1992), a *memória* é um elemento constituinte do sentimento de *identidade*, tanto individual como coletiva. Isso, segundo o autor, se dá porque na construção da *identidade* há três fatores essenciais: o sentimento de unidade física (seja o próprio corpo físico, sejam fronteiras de pertencimento ao grupo); o sentimento de continuidade no tempo; e o sentimento de coerência, um sentimento de que os diferentes elementos formam efetivamente uma individualidade.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992, p.204)

Este conceito vai de encontro ao pensamento de Castells (2000), que afirma que identidade abrange mais que os papéis desempenhados pelos sujeitos na sociedade,



porque são as relações face-a-face que determinam o processo identitário. Os indivíduos necessitam uns dos outros para formarem a sua própria identidade, assim, tanto a socialização primária quanto a secundária tornam-se importantes neste processo. Entende-se, portanto, que a identidade não nasce com o sujeito, não é inata, precisa ser construída durante a vida do sujeito, e esta construção passa pela interação com o outro, pois só a interação social permite viver em sociedade.

Identities [...] constitute sources of meaning for the actors themselves, by being originated and constructed through a process of individuation. Although [...] they can also be formed from dominant institutions, they only assume this condition when and as the social actors internalize them, constructing their meaning with a base in this internalization [...]. One can say that identities organize meanings, while roles organize functions (CASTELLS, 2000, p. 23).

Lopes (2007) afirma que “construir identidade é como contar uma história que produza sentido para quem a conta e para quem a escuta”, a autora afirma ainda que:

[...] muito do que dizemos de nós mesmos ou do que os outros dizem de nós se constrói a partir de lembranças. Por isso a memória é considerada um atributo de suma importância para alinhar a organização dessa narrativa refletida e dimensão fundamental de processos identitários (LOPES, 2007. p. 145).

Durkheim, Moscovici, Pollack, Halbwachs, Castells, Lopes e outros teóricos são enfáticos em relacionar as Representações Coletivas e as Representações Sociais à Memória Coletiva e Social, que integram e constituem a Identidade Social dos sujeitos. A *memória* é uma forma de acesso ao passado, e é fonte de identidade tanto pessoal quanto coletiva, lembrar o passado é essencial para o sentido e a construção de *identidade social*. Memória individual e coletiva alimentam e guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros.

A informação e a comunicação são mediadoras do processo de construção da memória e de identidade, que não são somente individuais, mas peças do contexto social que precede e continua além do homem e dos grupos sociais. A memória social é um processo coletivo em que é muito importante o papel de lembrar e conservar a memória, desempenhado pelo grupo social. Quando ocorre dispersão do grupo social, as



gerações não se comunicam, ou ocorrem falhas na comunicação, a socialização das lembranças é difícil e truncada, assim como a fixação da memória é dificultada, em função da descontinuidade dos acontecimentos.

A sociedade contemporânea, globalizada, em que tudo é muito dinâmico, instável e flexível, faz com que as representações e identidades sociais tornem-se também instáveis. A organização coletiva do conhecimento e a circulação de opiniões são influenciadas pelos meios de comunicação, que atuam na formação das representações - onde têm importância a experiência e a vivência cotidiana dos sujeitos, e essas representações são o conhecimento que as pessoas utilizam no seu dia-a-dia.

O Jornalismo Comunitário

A comunicação pode trazer benefícios ou prejudicar a população, dependendo de como ela é usada e de como as pessoas agem em relação a ela (Guareshi, 2004). Para Marcondes Filho o jornalismo comunitário ajuda na socialização do indivíduo como ser, diferentemente da grande imprensa. Para ele, este tipo de jornalismo traz consigo a humanização e a realização do sujeito como um indivíduo importante e não somente mais um, sendo esse um espaço da realização individual que já não é mais possível na sociedade que tende a cada vez mais nivelar as pessoas deixando-as na generalidade (Marconde Filho, 1987).

Por causa da proximidade entre jornalistas e leitores dentro da comunidade, a identificação dos interesses, opiniões e posicionamentos se dá de uma forma muito mais clara. As matérias e artigos veiculados em um jornal comunitário trazem geralmente comentários sobre temas que atingem ou fazem parte da vida da comunidade. Além disso, a redação costuma usar linguagem mais informal e coloquial, principalmente quando o público leitor tem baixo nível de instrução formal.

Dentro do Jornalismo Comunitário estão incluídas a cobertura de eventos (festas, comemorações, nascimentos, falecimentos), da política local, das instituições que geram produtos e fatos (associações de moradores, sindicatos...), as políticas públicas para a área e o dia-a-dia da comunidade.

E ao Jornalismo Comunitário que cabe a identificação das "necessidades" da comunidade e explorá-las através de pautas que informem os moradores sobre as causas e possíveis soluções para esses problemas.



O Pescador

O projeto do jornal “O Pescador” surgiu na Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas – no curso de Jornalismo, por uma reivindicação dos próprios alunos, com o objetivo de discutir e desenvolver o jornalismo comunitário, ou seja, de novas formas de ação jornalística, a partir de um processo comunicativo horizontal, alternativo, participativo e inclusivo. Trata-se da produção de um jornal comunitário impresso, de periodicidade mensal, direcionado à comunidade da Colônia de Pescadores Z3, bairro periférico da cidade de Pelotas.

A escolha da Z3 como primeira comunidade a receber o projeto, se deu com base em alguns critérios pré-determinados. Primeiro, por ser uma comunidade afastada do centro urbano. Segundo, por ter vida própria, sua cultura, seu jeito de ser. Então, a Z3 se encaixou perfeitamente nesses requisitos.

O projeto que se desenvolve desde o ano 2000, nasceu tendo como ideal o desenvolvimento de novas formas de comunicação, baseado nas teorias do jornalismo comunitário, ou seja, propor um veículo alternativo e popular, voltado para os interesses da comunidade. O principal, no entanto, é que o jornal deveria ser feito a partir dos moradores, que sempre tiveram uma participação forte e decisiva. A idéia é inverter o processo comunicativo, quer dizer, é um veículo que brota na comunidade e é feito com essa comunidade, que é quem define como quer fazer o jornal e que temas o jornal deve tratar. Junto a tudo isso, tem o aspecto pedagógico, pois é um laboratório para os alunos de jornalismo. É o momento de conhecer a realidade da profissão e do mundo em que eles irão trabalhar mais tarde, além de lhes permitir conhecer também o impacto do discurso midiático na vida desta comunidade.

O jornal vem correspondendo a essas idéias até hoje, pois é um projeto bem dinâmico, que muda de acordo com as propostas dos moradores. Entre as primeiras dificuldades encontradas destacou-se uma certa desconfiança dos moradores, que ficavam se perguntando: "com que interesse alguém vai fazer um jornal nesta colônia?". Mas essa resistência foi quebrada logo que saiu a primeira edição, quando as pessoas começaram a se identificar nas matérias e fotografias. Pela primeira vez, as histórias humanas de pessoas simples estavam sendo contadas em matérias jornalísticas, em que eram socialmente representadas. Com isso, o grupo de alunos sentia que estava contribuindo para levantar a auto-estima da colônia, e de certa forma, resgatar sua história, servindo ainda como espaço para manifestação dos moradores e de promoção



da cidadania – levando em conta que segundo Peruzzo (2002) “o status de cidadão é uma construção social que vem se modificando ao longo da história”. A autora coloca ainda que a cidadania inclui:

a) direitos no campo da liberdade individual: liberdade, igualdade, locomoção e justiça; b) direitos de participação no exercício do poder político: participação política em todos os níveis: eleições, plebiscitos e órgãos de representação, tais como sindicatos, movimentos e associações; c) direitos sociais: direito e igualdade de usufruto de um modo de vida digno, através do acesso ao patrimônio social, ligado ao consumo, ao lazer, a condições e leis do trabalho, à moradia, à educação, à saúde, a aposentadoria etc. Os direitos civis e políticos são chamados de direitos de primeira geração; os sociais, de segunda geração. (PERUZZO, 2002)

A busca pelo exercício da cidadania é uma das preocupações constantes dos componentes do projeto do jornal, tanto no tratamento do discurso midiático quanto na busca pela participação dos membros da comunidade na sua produção e na conscientização da apropriação e exercício de seus direitos, assim como na expressão de sua identidade e representação social.

Muitos momentos marcaram esses dez anos de atividade, mas sem dúvida as expressões dos rostos das pessoas quando receberam a primeira edição, foi especialmente marcante. Os momentos ruins, poucos é verdade, o grupo conseguiu superar e usá-los como aprendizado. Fazendo um balanço desse período, é possível observar uma fantástica evolução, tanto em termos de aprendizagem dos alunos participantes do projeto quanto de resultados para os moradores da comunidade da Z3. O jornal hoje está consolidado como um veículo comunitário que inaugurou uma nova forma de diálogo entre a comunidade e o poder público. Muitas das melhorias estruturais da Z3 só foram possíveis porque os moradores tinham esse instrumento para gritar, registrar fatos e eventos, reivindicar.

O poder público tem outros olhos e age com mais atenção em comunidades que tem o poder de se expressar sobre a realidade social que as cerca. Com isso, abriu-se um novo espaço de discussão e organização social a partir da criação de um veículo que nasce das próprias necessidades daquela comunidade, sendo uma alternativa à comunicação tal como a faz, num âmbito mais amplo, a imprensa tradicional⁵.

⁵ PENA, 2005.



Peruzzo (2002) alerta para o fato de que os meios de comunicação comunitários/populares são, ao mesmo tempo, ‘parte de um processo de organização popular’, e canais com conteúdos informativos e culturais, possibilitando, ainda, a prática de participação direta no mecanismo de planejamento, produção e gestão, que pelo próprio processo e pelo conteúdo que transmitem, dão uma contribuição dupla para a construção da cidadania.

Por seus conteúdos podem dar vazão à socialização do legado histórico do conhecimento, facilitar a compreensão das relações sociais, dos mecanismos da estrutura do poder (compreender melhor as coisas da política), dos assuntos públicos do país, esclarecer sobre os direitos da pessoa humana e discutir os problemas locais. [...] Podem facilitar a valorização das identidades e raízes culturais, abrindo espaço para manifestações dos saberes e da cultura da população: da história dos antepassados às lendas e às ervas naturais que curam doenças. Ou servir de canal de expressão aos artistas do lugar, que dificilmente conseguem penetrar na grande mídia regional e nacional. Ou, ainda, informar sobre como prevenir doenças, sobre os direitos do consumidor, o acesso a serviços públicos gratuitos (como registro de nascimento) e tantos outros assuntos de interesse social⁶

O projeto *O Pescador* busca resgatar esta identidade individual e coletiva da sociedade na qual está inserido. Procurando valorizar a cultura local através do despertar de um “sentimento de pertença” do indivíduo pela sua comunidade. O estudante inserido no projeto deve participar de maneira ativa para, assim, construir um canal de comunicação cada vez mais estreito entre o jornal e a comunidade e com isso despertar nos moradores da colônia um sentimento de posse em relação ao jornal, onde poderão expressar seus anseios e necessidades, sua individualidade e registrar suas histórias. A partir de então a comunidade fará realmente parte da produção do veículo. O jornal procura desenvolver em cada morador uma mudança de postura, de uma “cultura do silêncio” como afirma Paulo Freire (1981), ou a cultura da submissão de um cidadão sem voz para uma nova cidadania com direito a voz ativa no processo comunicacional.

Essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos; indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal,

⁶ PERUZZO, 2002



ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, mas sistemas de
submissão muito mais dissimulados. (GUATTARI, 1999, p. 16)

A comunicação de caráter bilateral é indispensável para o andamento do jornal, em que um trabalho detalhado de conhecimento da comunidade deve estar sempre sendo feito. Participando de seus movimentos sociais, festividades e qualquer evento que reúna a comunidade em geral para, então, criar uma relação de cumplicidade entre as partes envolvidas.

O processo de construção se efetivou através das lideranças comunitárias, com o objetivo de conhecer, por seu intermédio, a história e os ideais da comunidade: como vivem, visões políticas e ideológicas, identidades culturais, religiosidade (predominante e individual). Só após o conhecimento dessas características, partiu-se para a construção da identidade do meio de comunicação.

O jornal comunitário deve e busca ser o espelho da comunidade a que se destina, para assim construir uma estreita relação entre os sujeitos interagentes. Com o projeto novas possibilidades foram abertas, as quais inegavelmente alteram diversos padrões no processo de comunicação entre emissores e receptores. Portanto, vale destacar o caráter coletivo do jornalismo comunitário. Segundo CHAUI (2003: 140), a filosofia, a grosso modo, conceitua memória como “uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança”.

Os jornais comunitários e aqui citamos o exemplo do jornal O Pescador, deveriam atender a veiculação de informações e o fortalecimento da memória da comunidade em questão. Esta proposição encontra apoio em Walter Benjamin, filósofo alemão, para quem o passar dos tempos e a chegada dos tempos modernos trouxe a desorientação das formas especificamente modernas de narrativa (romance moderno, *short-story*, jornal), porque foi deixando de existir a ‘capacidade’ de contar histórias, e com isso instalou-se a incapacidade de trocar “experiências”. Benjamin afirmava que as melhores narrativas escritas eram aquelas que se aproximavam das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos, e consistiam num meio ‘artesanal’ de comunicação, e na sua perspectiva existem incompatibilidades inconciliáveis entre a narrativa e a informação. A narrativa oferece reflexão, espanto e nunca se exaure; a segunda surge de forma efêmera e somente tem validade enquanto novidade. O autor



aponta a definição de memória como uma capacidade épica⁷ e para ele, existe uma diferença de atuação da *lembrança* na narrativa e no romance, sendo ambos advindos da epopéia que se divide em dois momentos: “o da memória perenizante do romancista em oposição à memória de entretenimento do narrador” (BENJAMIN, 1983, 67). Assim ele define a informação jornalística moderna como incapaz de ser apreendida pela memória, por conta de sua pecha de produto a ser consumido instantaneamente. “(...) reduz-se ao instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entregar-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, comprometer-se com ele”. (1983, 61-62).

Para Benjamin o sujeito moderno, leitor ávido de informações, apresenta uma nova forma de lidar com a memória, que se forma fugaz. Para a imprensa importa aquilo que é novidade, assim rapidamente ela substitui informações por outras mais novas, e este processo se torna contínuo, por isso a imprensa estará condenada a não contribuir com a memorização dos fatos e não deve ter muitas pretensões junto à questão da memória. Porém Benjamin (1983) torna possível outra concepção no que se refere ao jornalismo comunitário que pode se tornar instrumento de aquisição, conservação e evocação da memória de uma determinada comunidade, isto porque apesar de predominar no jornalismo a busca pelo novo, ressalta-se que seus discursos produzem sentido para os processos históricos e destacam os fatos que se tornarão memoráveis no futuro, principalmente quando são produzidos e relatados a partir da própria comunidade.

Considerações – se é que podem ser feitas neste momento:

A partir das diferentes teorias abordadas no decorrer do texto pode-se afirmar que o Jornal O Pescador busca ser um espelho da comunidade a que se destina e tem como proposta principal a busca e seleção de fatos memoráveis para os moradores da comunidade assim como de suas lutas sociais. Com relação a ser um Instrumento de Representação Social, construção da Memória e da Identidade Social dos Pescadores da Colônia Z 3, apesar, embora o jornalismo sofra a forte influência dos princípios da cultura de massa sobre o indivíduo que emite e recebe a informação jornalística, os jornais comunitários podem e devem usar uma espécie de ‘filtro’ diferente do existente nos veículos de comunicação massivos, para a partir daí construir uma outra prática em que a narrativa contribua para que aquilo que é narrado esteja efetivamente ligado tanto à identidade social como a representação

⁷ A Mnemosia, deusa da reminiscência, era a musa do gênero épico entre os gregos.



que os moradores da comunidade fazem de si e isto contribua para a preservação de sua memória como indivíduos, como grupos e como comunidades.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Editora 70, 2000.

Benjamin, W. (1983) *Textos Escolhidos – Walter Benjamin et al.* Tradução de Modesto Carone et al. São Paulo: Abril Cultural, (coleção Os Pensadores).

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. São Paulo: Centauro, 2006.

JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. IN: _____. (Org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

LOPES, Fernanda Lima. *Identidade jornalística e memória*. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

MICHEL, Jerusa de Oliveira e OLIVEIRA, Leonardo Priebe de. *Pesquisa de Opinião Jornal O Pescador - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas (RS) 1º Lugar XIII Expocom Nacional, categoria Relações Públicas, modalidade Pesquisa de Opinião, como representante da Região Sul no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom – Santos – 2007*

MINAYO, Maria Cecília S. *O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica*. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em representações sociais*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994

MOSCOVICI, Serge. *A representação social e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social* 3.ed. / editado em inglês por Gerard DUVEEN; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

PERUZZO, Cicília M. K. *Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania*. [PCLA - Pensamento Comunicacional Latino-Americano](http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm) - Revista Científica Digital Volume 4 - número 1: dezembro 2002 - <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>



Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - Londrina - PR - 26 a 28 de maio
de 2011

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992.

RIBEIRO Fernanda, REINHARDT, Aline, MICHEL, Jerusa e outros. Jornalismo Comunitário na Colônia Z-3, em Pelotas/RS - 1º Lugar XIII Expocom Nacional, categoria Jornalismo, modalidade Jornal Impresso, como representante da Região Sul - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom – Santos – 2007

SILVA, Mauro Antônio Pires Dias da. As representações sociais e as dimensões éticas. Taubaté, Cabral Editora Universitária, 1998.

SPINK Peter Kevin. Pesquisa de Campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. (Versão preliminar do trabalho coordenada por Mary Jane Spink no início de 2003 no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas Discursivas e Produção de Sentidos – PUC/SP) Psicologia & Sociedade; 15 (2): 18-42; jul./dez.2003

SPINK, Mary Jane. (org.). O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPINK, Mary Jane. (org) 1999 Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano. São Paulo: Cortez Editora, 1999